

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## ANTIFONTE, O SOFISTA: A noção de *Arrýthmiston*

Paulo Domenech Oneto  
ECO - Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

RESUMO: O objetivo deste trabalho é, num primeiro momento, fazer um pequeno balanço da tese de que o Antifonte sofista - autor de textos sobre a verdade, a concórdia, a questão política e um de um livro de interpretação de sonhos - não é o mesmo Antifonte, orador de Ramnos; para, em seguida, apresentar o que seria o conceito-chave deste pensador: o conceito de *arrýthmiston*. A partir da leitura que Gilbert Romeyer-Dherbey faz dos fragmentos, trata-se de mostrar que a noção serve para designar um fundo ontológico inseparável dos entes, uma espécie de solo transcendental informe sobre o qual se dariam os processos de formação. Deste modo, é possível vislumbrar uma alternativa às filosofias gregas da forma (como a teoria das Formas platônica ou hilemorfismo aristotélico). A ênfase passa a recair na idéia de devir infinito em lugar da idéia de um ser perfeito.

PALAVRAS-CHAVE: Antifonte, *arrýthmiston*, ontologia, imanência, fundo e forma, indeterminação, infinito.

ABSTRACT: In a first moment this paper aims to reinforce the thesis that Antiphon, the sophist – who wrote texts on truth, concord, political issues and a book to interpret dreams – is not the same Antiphon who delivered speeches at Ramnus. Then, one tries to introduce what would be Antiphon’s key-concept: the concept of *arrýthmiston*. Taking Gilbert Romeyer-Dherbey’s reading of the fragments, the question is to show that this very notion functions as a designation for the ontological background of all what exists, a kind of informal transcendental ground for the processes of formation. On the basis of this interpretation it seems possible to find an alternative for the Greek philosophies of form such as Platonism and Aristotelianism. What is stressed now is the idea of an infinite becoming instead of the idea of a perfect being.

KEYWORDS: Antiphon, *arrýthmiston*, ontology, immanence, background and form, indeterminacy, infinite.

---

Apesar da insistência de vários comentadores da filosofia grega do período (séculos VI-V a.C.)<sup>1</sup> em mostrar que não é possível distinguir entre dois Antifontes (o sofista de

---

<sup>1</sup> Um dos pontos de partida do debate em torno da identidade ou distinção entre um Antifonte de Atenas e outro de Ramnos se situa na análise dos fragmentos empreendida por Alfred Croiset (*Revue des Études Grecques*, 1917). A conclusão de Croiset é semelhante ao ponto de vista mais recente de Jacqueline de Romilly (*Les grands sophistes dans l’Athènes de Péricles*, 1988). Para ambos, as supostas divergências encontradas nos fragmentos e discursos de Antifonte não passariam de “nuances facilmente explicáveis” (Croiset), ou teriam sido exageradas por motivos morais visando “salvar” uma imagem democrática do sofista, contra o aristocrata

Oneto, Paulo Domenech  
Antifonte, o Sofista

Atenas e o logógrafo de Ramnos), permanece plausível a hipótese de autores como Salomon Luria e William Guthrie – encampada por Gilbert Romeyer-Dherbey<sup>2</sup>, e mais recentemente por Gerard Pendrick<sup>3</sup> – de que existem diferenças temáticas e estilísticas cuja melhor explicação estaria no fato de que há efetivamente um Antifonte preocupado com os mais diversos assuntos (indo da questão da verdade ao problema das leis e de como interpretar sonhos), de estilo mais sóbrio; e outro, cujos interesses se concentrariam na política, de estilo mais rebuscado: Antifonte de Atenas e Antifonte de Ramnos. Em princípio pelo menos, adotamos esta última posição, por motivos ligados a uma ênfase de alguns fragmentos sobre questões de alcance *ontológico*, distintas das discussões de caráter mais empírico, daquele que seria o orador de Ramnos.

São três os fragmentos em que esse tipo de questão ontológica surge de modo quase que incontornável (B10, B14 e B15). É sobre eles que versa o presente trabalho, pois é por meio deles que aparece esboçada a noção que pretendemos abordar e que pode ser vista como chave para uma compreensão global do pensamento antifoniano: a noção de *arrýthmiston*. As passagens a serem comentadas pertencem àquele que seria o tratado mais importante escrito por Antifonte, intitulado *Περὶ ἀληθείας* (*Da Verdade*). Primeiramente, no fragmento B10 podemos ler: “É por isso que ele [deus ou *arrýthmiston*] não tem necessidade de nada, nem recebe nada de qualquer outro, mas é indeterminado (*ápeiros*) e sem falha”. Segundo Untersteiner<sup>4</sup>, Antifonte estaria aqui apenas confirmando a tese de outro sofista (Górgias) sobre a total ausência de uma experiência positiva e não contraditória de algo absoluto (deus).

---

e orador de Ramnos, defensor da oligarquia. Para além destas dúvidas acerca da fundamentação para se estabelecer uma distinção entre dois Antifontes, cabe destacar dois autores que defendem claramente a tese de que se trata efetivamente da mesma pessoa: John S. Morrison nos *Proceedings of the Cambridge Philological Society* (1961) e Michael Gagarin, no importante estudo intitulado *Antiphon the Athenian: oratory, law, and justice in the age of the Sophists* (2002) e em trabalhos anteriores. Ver Bibliografia.

<sup>2</sup> Cf. LURIA, Salomon. “Antiphon, der Sophist”, *Eos* 53 (1963); GUTHRIE, W.K.C. *The Sophists* (1971); ROMEYER-DHERBEY, G. *Les Sophistes* (1985). Ver Bibliografia.

<sup>3</sup> PENDRICK, Gerard. *Antiphon the Sophist. The Fragments*. Pendrick fala de três tipos de evidência a favor da tese dos dois Antifontes: os testemunhos (Xenofonte e Tucídides), o estilo e as idéias defendidas (éticas, políticas e religiosas, além de ênfase em algumas idéias em detrimento de outras). Deste modo ele contesta a posição unitária de Gagarin. Pendrick observa que quando Antifonte de Ramnos é processado por participar do golpe de 411 a.C. são mencionados os seus discursos, mas nada é dito sobre ele ser ou não professor. Há ainda divergências intelectuais importantes nos textos. Por exemplo, “Sobre a Verdade” é marcado por uma atitude de desprezo pelo *nomos* (a lei humana) que só poderia ser justificada pelo fato de que o discurso na Corte não expressa necessariamente o que se pensa acerca de um assunto; porém Pendrick ainda prefere crer que estas diferenças soam estranhas e utiliza finalmente sua leitura de Xenofonte and Tucídides para decidir a favor da tese dos dois Antifontes.

<sup>4</sup> Cf. UNTERSTEINER, Mario. *Les Sophistes*, pp. 52-57.

Oneto, Paulo Domenech  
Antifonte, o Sofista

Por outro lado, este mesmo comentador (Untersteiner) defende o esforço antifoniano para desenvolver uma crítica a Górgias por sua violenta recusa da ontologia através da chamada “eliminação das experiências”. Enquanto Górgias negaria a possibilidade de uma explicação racional para nossas experiências por meio de sua célebre tese primeira – ainda que algo como o ser exista, ele não pode ser nem gerado nem não gerado; por conseguinte, o tempo se encontra suspenso e nossos juízos sobre uma pretensa essencialidade das coisas se tornam impossíveis –, Antifonte estaria preocupado em restabelecer a discussão sobre as experiências e o seu “fundo” divino. Ora, o fragmento B10 fica, assim, reduzido a um caráter polêmico em torno do acesso aos deuses, sem “trazer a marca do pensamento de Antifonte”<sup>5</sup>.

A explicação de outro comentador (Romeyer-Dherbey) nos parece muito mais profícua. Para ele, o fragmento tem importância fundamental na recolocação do problema, pois o sujeito da frase em questão não é um absoluto (um deus ou o ser dos eleatas), mas sim o *arrýthmiston*. Não se trata, portanto, de uma passagem meramente polêmica consistindo em negar (a exemplo de Górgias) a possibilidade de uma experiência positiva deste pretense absoluto, pairando acima dos entes ou denotando uma “verdadeira via”. O foco do fragmento seria, em vez disso, a questão de um *fundo inseparável* sobre o qual tudo o que existe pode existir.

Este fundo – horizonte inseparável das formas – seria o “livre de estrutura”, o “sem contorno”, ou ainda o “não reduzido a uma forma”, “sem organização”; segundo tradução de Benveniste tomada e discutida por Romeyer-Dherbey<sup>6</sup>. Seria de Antifonte, aliás (e não de Aristóteles, conforme defende Benveniste), a própria criação do termo, a partir de *rhýthmos* que remeteria, não ao domínio musical e sim ao campo da experiência visual de formas. Na realidade, devemos a Jaeger<sup>7</sup> o esclarecimento acerca do sentido do termo, servindo para designar os limites de um traçado, razão pela qual foi associado por Aristóteles a “contorno” (*skhêma*)<sup>8</sup>. De um modo ou de outro, o que importa assinalar é a centralidade do conceito de *arrýthmiston* no pensamento de Antifonte, hipótese que pode ser verificada se atentarmos para os dois outros fragmentos mencionados acima (B14 e B15), mas também para a tentativa de resolver o problema matemático da quadratura do círculo (como calcular a área da circunferência?).

---

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 54.

<sup>6</sup> Cf. ROMEYER-DHERBEY, Gilbert. *Os Sofistas*, p. 93.

<sup>7</sup> Cf. JAEGER, Werner. *Paideia*. Tomo I, p. 517.

<sup>8</sup> Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*, I, 4, 985 b 16.

Oneto, Paulo Domenech  
Antifonte, o Sofista

O fragmento B14 introduz outro conceito que parece complementar a explicação sobre a noção de *rhýthmos*: trata-se da *diathésis* que, etimologicamente seria “através das posições” – dis-posição, ordem ou organização. Antifonte fala, então, que “privada das suas reservas, [a natureza] teria organizado mal muitos dos seres belos”. Está claro, aqui, o desejo de ressaltar algo que age no fundo dos seres, entes ou formas que distinguimos na natureza. Somos levados novamente a pensar no *arrýthmiston* que surge agora, igualmente, como reserva, como um pano de fundo universal a partir do qual se engendram as particularidades e a própria possibilidade de pensá-las (uma espécie de solo transcendental). Como diz Romeyer-Dherbey:

O que se desliga da estrutura é, portanto, um universal: face à pobreza do particular, constitui toda a riqueza do mundo; é a reserva na qual os “ritmos” se abastecem para organizar tudo o que determina a figura e toma contorno (...). O *arrýthmiston* é “reserva” no duplo sentido do termo: o de reservatório onde nos abastecemos, mas também o contido na expressão “estar na reserva”, isto é, recusar-se a elaborar figura; todo o *rhýthmos*, finalmente, não é para Antifonte mais do que um figurante. A indeterminação adquire aqui um sentido positivo que o helenismo dominante, o das filosofias da essência [mas, talvez, fosse melhor falar em filosofias do privilégio da forma, caracterizando toda a tradição platônico-aristotélica], não nos preparou para acolher<sup>9</sup>.

Enquanto reserva, este fundo livre de estrutura (*arrýthmiston*) age “discreta e silenciosamente”, de tal maneira que as formas parecem dele se destacar, permanecendo, porém vinculadas e dependentes dele. As figuras se distinguem do fundo, mas este não se distingue delas, não existe como realidade transcendente ou abismo indiferenciado<sup>10</sup>. Desse modo, parece ocorrer uma inversão da relação clássica entre matéria e forma, tão cara ao aristotelismo. Ela cede e abre espaço para conceitos novos, como o de *metastável* de Gilbert Simondon. Isto é o que se pode extrair do fragmento B15, analisado pelo próprio Aristóteles no segundo livro de sua *Física*:

---

<sup>9</sup> ROMEYER-DHERBEY, Gilbert. *Os Sofistas*, p. 97.

<sup>10</sup> Como a “diferença” na filosofia de Gilles Deleuze, comparável ao relâmpago no céu negro: “A diferença ‘entre’ duas coisas é somente empírica, e as determinações correspondentes, extrínsecas. Mas no lugar de uma coisa que se distingue de outra coisa, imaginemos algo que se distingue – mas *aquilo de que ela se distingue* não se distingue dele. O relâmpago, por exemplo, se distingue do céu negro, mas deve arrastá-lo consigo, como se ele se distinguísse do que não se distingue. Dir-se-ia que o fundo sobe à superfície sem deixar de ser fundo. (...) A diferença é este estado da determinação como distinção unilateral”. (DELEUZE, Gilles. *Différence et répétition*, p. 43).

Oneto, Paulo Domenech  
Antifonte, o Sofista

Alguns crêem que a natureza e a essência dos seres que existem por natureza são o primeiro constituinte de cada um, por si mesmo livre de estrutura (*arrýthmiston*); por exemplo, a natureza da cama é a madeira, da estátua o bronze. A prova está em que se alguém enterrasse uma cama e a putrefação pudesse fazer brotar um rebento, não se produziria uma cama, mas madeira: um existe por acidente, é a ordem que depende da estrutura e do fabrico, enquanto a realidade é a que permanece de uma maneira contínua sob essas modificações<sup>11</sup>.

Muito se falou sobre a oposição entre natureza (*phýsis*) e fabrico (*téchne*) no pensamento antifoniano, justamente a partir deste trecho. Argumentava-se, invariavelmente, com os lugares-comuns que foram e continuam sendo imputados aos sofistas (rótulo que, por si só, desqualifica a singularidade de cada pensador do período ao fazer *tabula rasa* de todos eles): tratar-se-ia, em suma, de opor natureza (*phýsis*) e artifício ou convenção (*nomos*). Ora, a real tensão conceitual do fragmento parece residir noutra questão. Ela se dá entre a preponderância de uma natureza fundamentalmente amorfa ou livre de estrutura (*arrýthmiston*) e as formas que se estruturam ou são fabricadas a partir dela. Afirma-se, portanto, a superioridade ontológica da matéria (madeira ou bronze) sobre a forma (cama ou estátua de bronze). Em outros termos, é a *matéria informe* que constitui a essência dos entes. O termo *arrýthmiston* substitui o termo aristotélico *hylé* para colocar a ênfase sobre o que independe de forma, não por ser privado dela como se lhe faltasse algo, mas simplesmente por ser livre e auto-suficiente e que, por não existir em separado ou além das formas e contornos, pode ser traduzida como inacabamento ou infinitude de tudo o que há.

A esse respeito e a guisa de conclusão a esta breve introdução ao pensamento de Antifonte, cabe dizer apenas mais duas ou três palavras. A primeira delas concerne à tentativa antifoniana de confirmar ou até mesmo provar a tese do *arrýthmiston* por meio da solução do clássico problema da quadratura do círculo. Sua contribuição para o problema foi, de fato, inestimável, por ter sido a primeira proposta de utilização do método de exaustão no âmbito da geometria. Tratava-se de ir dobrando sucessivamente o número de lados de um polígono regular inscrito numa circunferência, até o infinito, de modo que a diferença entre as áreas das figuras geométricas desaparecesse. Um polígono de  $n$  lados seria, em última instância, um círculo.

Está claro que o valor desta “prova” é questionável, pois, segundo Aristóteles, por

---

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 94.

Oneto, Paulo Domenech  
Antifonte, o Sofista

exemplo, o método empregado por Antifonte falsifica a geometria. Afinal de contas, não é possível obter uma circunferência simplesmente aumentando infinitamente o número de lados de um polígono (“exaustão completa”). Ora, tentar desenvolver essa questão – em que estão imbricadas *epistemologia da geometria e metafísica* – escaparia não apenas do escopo deste trabalho como também implicaria um conhecimento profundo dos fundamentos da matemática de que não dispomos. O que valeria a pena fazer, futuramente, é algo muito mais modesto: deixar indicado o elo antifoniano entre *a hipótese da exaustão completa* (A) e *o arrýthmiston como princípio ontológico* (B). Quanto ao problema da quadratura do círculo propriamente dito, ele será solucionado no âmbito da matemática, mas muito posteriormente, por meio do cálculo infinitesimal. Isto acontece porque este tipo de cálculo permite mostrar, justamente, que a diferença entre as áreas da circunferência e do polígono tende a zero quando o número de lados desta última figura (polígono) cresce infinitamente.

A busca de solução para provar o *arrýthmiston* desta maneira assenta numa hipótese interpretativa para as matemáticas, permitindo entrever uma epistemologia antifoniana. A matemática seria uma *téchne*, uma disposição teórica sob o fundo ontológico, bem nas antípodas do platonismo que vê nas matemáticas a prova da existência de estruturas fixas a partir das quais seria possível compreender a realidade sensível. Resumamos o argumento do platonismo, mesmo correndo o risco de simplificá-lo demais: se o nosso pensamento é capaz de chegar a resultados idênticos nesse âmbito (da geometria), e se eles se verificam para todos os casos (sendo necessários e universais), é porque deve haver uma identidade formal das coisas em meio ao mundo material. O dever de tudo o que há seguiria, portanto, para Platão, uma ordem; e toda a questão da filosofia seria a de encontrar um limite para este dever aparentemente incomensurável<sup>12</sup>.

Esta é a segunda palavra que nos compete dizer antes de concluir este trabalho. Em Antifonte, ao que tudo indica, encontramos, ao contrário de Platão, uma verdadeira paixão pelo infinito, mas por um infinito que é fundo inseparável das formas finitas, pleno em sua

---

<sup>12</sup> Quanto a isso podemos citar, mais uma vez, Deleuze: “O simulacro [platônico] inclui em si o ponto de vista diferencial; o observador ele próprio faz parte do simulacro, que se transforma e se deforma com seu ponto de vista. Em suma, há no simulacro um devir-louco, um devir-ilimitado como aquele do *Filebo*, em que “o mais e o menos vão sempre à frente”, um devir sempre outro, um devir subversivo das profundezas, hábil na capacidade de se esquivar do igual, do limite, do Mesmo e do Semelhante: sempre mais e menos ao mesmo tempo, mas nunca igual. Impor um limite a este devir, ordená-lo em função do mesmo, torná-lo semelhante – e, para a parte que permanecesse rebelde, recalca-la até o mais profundo possível, fechá-la numa caverna no fundo do Oceano: tal é o objetivo do platonismo na sua vontade de fazer triunfar os ícones sobre os simulacros (DELEUZE, Gilles. *Logique du sens*, p. 298).

Oneto, Paulo Domenech  
Antifonte, o Sofista

*imanência*. Como diz um comentador contemporâneo do período, se referindo precisamente a Antifonte e aludindo ao mito de Fênix:

Foi um grego que o vislumbrou em primeiro lugar, ressuscitando o espírito do mito [de Fênix]. O infinito não é nem nada e nem transcendência. Ele é a pura imanência do que não pára de nos cercar, delinear, deformar e reformar. E, deste ponto de vista, pode-se distinguir entre um *infinito potencial* das matemáticas (mas que não parece real, dizendo respeito apenas a idealidades); um *infinito virtual* (a maneira pela qual o genoma se dobra para admitir toda a sua hereditariedade e descendência, o seu passado e o seu futuro, indefinidamente, constitui um real, ainda que ele não seja atual) e um infinito *ao-alcance-da-mão*, conhecido e celebrado pelo poeta-sacerdote Gerard Manley Hopkins<sup>13</sup>.

É provavelmente na articulação entre estes “três infinitos” que poderemos encontrar os elementos necessários para pensar a relação entre o problema geométrico da quadratura do círculo e o estatuto do *arrýthmiston*, e entre este e as formas ou figuras que não param de se formar e que estão ao alcance de nossas mãos.

Dito de modo mais simples: como pensar a natureza da matemática e da geometria a partir da tese ontológica do *arrýthmiston*? Qual o princípio de gênese das formas sobre este fundo informe que nos permite viver (colocar ao alcance de nossas mãos) o infinito sem, contudo, nos fazer com que nos percamos num abismo indiferenciado? Estas são questões cujo encaminhamento deve ficar para um próximo trabalho.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

- ARISTÓTELES. *Física*. Traducción de Guillermo R. Enchandia. Madrid: Editorial Gredos, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Metafísica*. Tradução de Leonel Valandro. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.
- CROISSET, A. “Les Nouveaux Fragments d’Antiphon”, *Revue des études grecques*, 1917, pp. 1-19.
- DELEUZE, Gilles. *Différence et répétition*. Paris: P.U.F., 1968.
- \_\_\_\_\_. *Logique du sens*. Paris: Minuit, 1969.
- DIELS, H. & KRANZ, W.. *Die Fragmente der Vorsokratiker, griechisch und deutsch*. Berlin: Weidmann, 1934-1938.
- GAGARIN, Michael. *Antiphon the Athenian: oratory, law, and justice in the age of the Sophists*. Austin: University of Texas Press, 2002.

---

<sup>13</sup> VILLANI, A. “Problèmes de l’infini dans la philosophie grecque”, in *L’Infini 2003-2004*, p. 6.

Oneto, Paulo Domenech  
Antifonte, o Sofista

- GRAÇA, José Augusto. “Antifonte. Sobre uma biografia impossível”, Porto: *Revista da Faculdade de Letras*, Série de Filosofia, n.ºs. 5-6, 1988-89, pp. 223-235.
- \_\_\_\_\_. “Antifonte e o Movimento Sofista”, Porto: *Revista da Faculdade de Letras*, Série de Filosofia, nº 11, 1994, pp. 237-340.
- GUTHRIE, W.K.C. *Os Sofistas*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paullus, tradução brasileira de 1995.
- JAEGER, W. *Paideia*. Tomo I. Tradução francesa de A. e S. Devyvers, Paris: Gallimard, 1964.
- LURIA, Salomon. “Antiphon der Sophist”, *Eos*, 53, 1963, pp. 63-67.
- MORRISON, J.S. “Antiphon”, *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 187, 1961, pp. 49-58.
- PENDRICK, Gerard (edited with introduction, translation and commentary). *Antiphon, of Athens. The Fragments / Antiphon the Sophist*. Cambridge: Cambridge classical texts and commentaries 39, 2002
- ROMEYER-DHERBEY, Gilbert. *Os Sofistas*. Tradução de João Amado. Lisboa: Edições 70, tradução portuguesa de 1986.
- ROMILLY, Jacqueline de. *Les grands sophistes dans l’Athènes de Périclès*. Paris : éditions De Fallois, 1988.
- UNTERSTEINER, Mario. *Les Sophistes*. Seconde édition revue et notablement augmentée avec un Appendice sur *Les origines sociales de la sophistique*. Tome 2. Traduit de l’italien par Alonso Tordesillas. Préface de Gilbert Romeyer-Dherbey. Paris : Vrin, 1993.
- VILLANI, Arnaud. “Problèmes de l’infini dans la philosophie grecque” in *L’infini*, 2003-2004, <http://www.ac-nice.fr/massena/clubs/philo/pdf/infini.pdf>